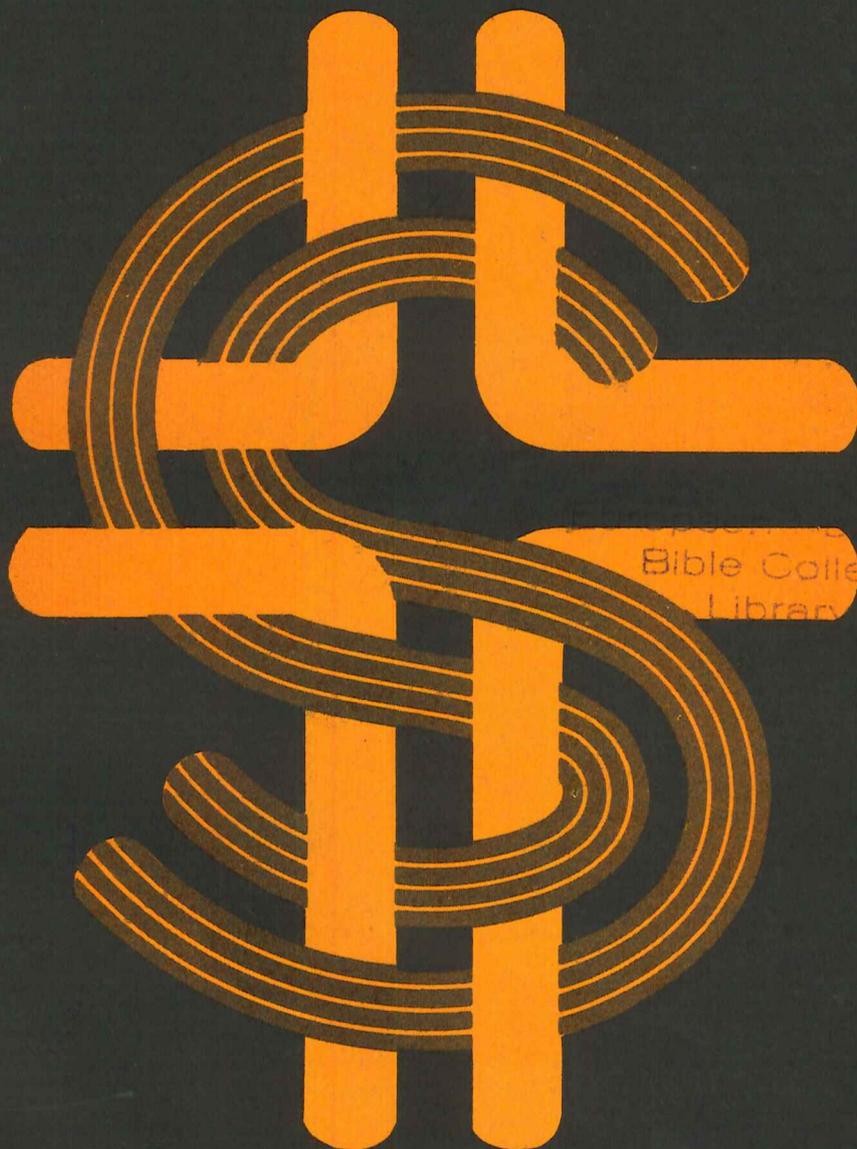


O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE SETEMBRO DE 1981



“Não sabeis . . . que não sois de vós mesmos?”

I Coríntios 6:19



a busca da excelência

—Jorge de Barros

A dona de casa que hoje vá ao mercado público ou à mercearia do bairro, tem um comportamento imitado por milhões à volta do mundo: toma nas mãos o produto; examina-o; apalpa-o bem. Só depois destas operações quase automáticas, ela se decide a comprar a mercadoria.

O hábito deve-se a um princípio que desconhece fronteiras: quando temos oportunidade de escolha, preferimos sempre ficar com o melhor.

A publicidade está atenta a este princípio. Por isso, abusa de adjectivos como *melhor*, *super*, *excelente*, *único*, *inigualável*, *supremo*.

A busca da excelência é um vestígio da natureza de que Deus nos dotou. Pena é que limitemos esta particularidade ao campo material e ao que esperamos, em grau de refinamento e avanço, de produtos comerciais e do trabalho que outros nos prestam.

Em I Coríntios 12, o apóstolo Paulo menciona dons espirituais, alguns que pareciam causar certa confusão aos fiéis, pois abriam campo ao nosso velho costume de valorizar e, então, honrar o que julgamos melhor.

Dá-se hoje muita ênfase aos dons espirituais. Estimula-se o crente em Jesus Cristo a descobrir e a utilizar os que lhe cabem.

Foto por Ed Carlin



A atitude é saudável, se nos capacita a um auto-exame e à descoberta de vias que aumentem a efectividade do nosso serviço a Deus. Mas, como a dona de casa que encontramos há instantes na mercearia do bairro, desejamos não apenas o bom, mas o melhor.

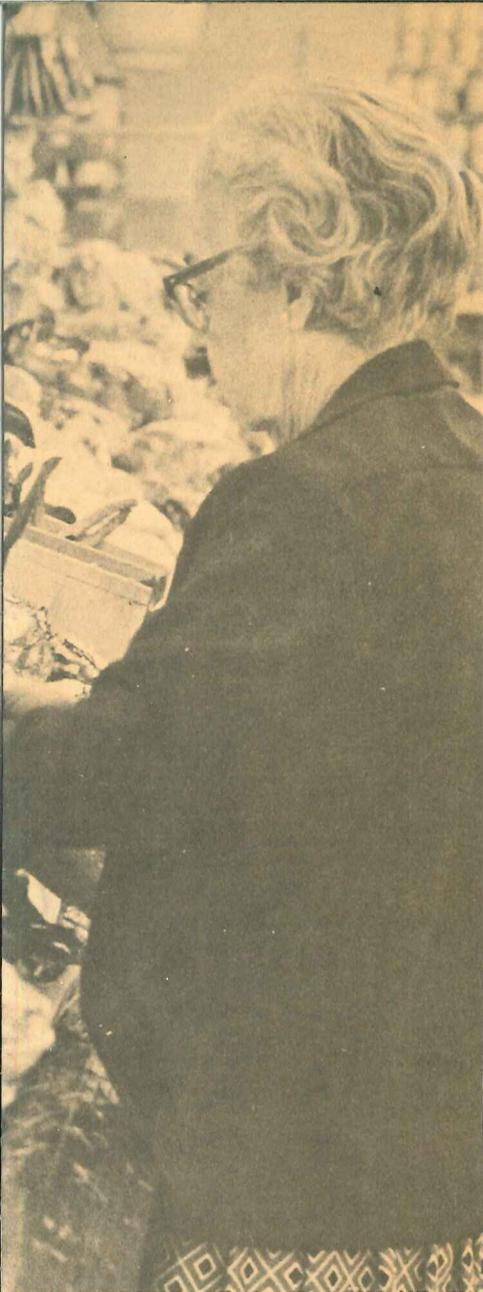
É também o que nos recomenda o Apóstolo quando diz, em I Coríntios 12:31, "Procurai com zelo os melhores dons; e eu vos mostrarei um caminho ainda mais excelente".

Sentimos então o impulso de agarrar o Apóstolo pelo braço e lhe perguntar ansiosamente: "Quer dizer que existe algo maior que o dom da profecia, o de

fazer milagres, o de falar em línguas, o de ensinar ou o de empolgar massas com um verbo inflamado?"

Sim, responde-nos S. Paulo no mesmo texto bíblico. Fala-nos, então, do melhor a que devemos aspirar: possuir o Amor.

Na realidade, continua Paulo, tudo o mais para bem pouco vale se não for usado com amor. Mesmo a fé poderá converter-se em fanatismo que não hesita em apedrejar e matar, em nome da religião; mesmo a esperança, pode arrogar-se em dona do futuro e proprietária exclusiva do Reino de Deus—ou, então, abstrair-se em misticismo esquecido do



“Que te darei, meu mestre?”

—Eugene L. Stowe
Superintendente Geral

Esta pergunta feita por um hinólogo, bem podia ser formulada por todos os cristãos quando se lhes apresenta a oportunidade de dar.

Existe um sentido em que a devíamos fazer todos os dias do ano. Ofertar é parte indispensável da vida cristã. Dar dizimos ao domingo é apenas o começo. Todos os dias da semana se devem caracterizar por oferta contínua. Certamente, dar graças ao Senhor não se limita a determinado dia ou tempo. A Palavra de Deus exorta: “Ofereçamos sempre, por ele, a Deus, sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome” (Hebreus 13:15).

No entanto, a qualidade das nossas ofertas é tão importante como a sua frequência—não somente quantas vezes, mas quanto. A palavra chave é “sacrifício”. O antigo Israel demonstrava gratidão oferecendo ao Senhor sacrifícios de louvor (Amós 4:5). Com frequência esses sacrifícios cerimoniais não o eram na realidade.

O rei Daví mostrou o padrão do verdadeiro espírito de sacrifício, quando procurava local para oferecer um holocausto a Deus. Um dos seus súbditos, chamado Arauna, possuía o terreno ideal para o rei erigir o altar. Arauna ofereceu generosamente quanto tinha ao seu dispor, incluindo bois e arado. A resposta do rei Daví foi exemplar: “Não, porém, por certo preço to comprarei, porque não oferecerei ao Senhor, meu Deus, holocaustos que me não custem nada” (II Samuel 24:24). Um sacrifício que não custa, deixa de o ser.

Os alvos devem sempre desafiar a igreja a responder com a moeda do sacrifício. Exigirá reflexão séria a nível do nosso compromisso. Não corresponder a esse desafio, levantará dúvidas sobre as nossas prioridades.

Richard Batey comenta: “As ofertas começam com a entrega da nossa vida. Jesus ensinou que aqueles cujas vidas estão apoiadas nos bens materiais, nunca se poderão libertar da opressão das mesmas. *A verdadeira santidade consiste em aceitar o amor como meta final da vida: então os bens podiam ser usados compassivamente. Uma oferta sacrificial genuína garante que fomos libertos da “opressão das coisas materiais”.* Evitará que os nossos bens se convertam em deuses. Mostrará ao mundo um amor perfeito a Deus e ao próximo necessitado.

Começemos a orar acerca da nossa responsabilidade universal e sobre quanto ofertaremos, como indivíduos e como congregação. Que a nossa generosidade seja cada vez maior.

“Que Te darei, meu Mestre?” O melhor que eu possa. □

mundo que fervilha à volta em confusão e dor.

“O amor nunca falha”, diz o Livro Sagrado. Ocupa o zénite dos dons. Tempera a convivência. Fomenta a compaixão e a tolerância. Produz a atmosfera que irmana mesmo aqueles que facilmente achariam razões para discórdias e brigas. Autêntica a mordomia.

O amor que nos vem da relação com Deus é a expressão da excelência, pois representa a própria natureza de Deus misericordiosamente comunicada a cada um dos que se abeiram d’Ele.

Os filhos de Deus têm feições reconhecíveis em qualquer latitude: amam. □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X
1 de Setembro de 1981
Número 17

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista

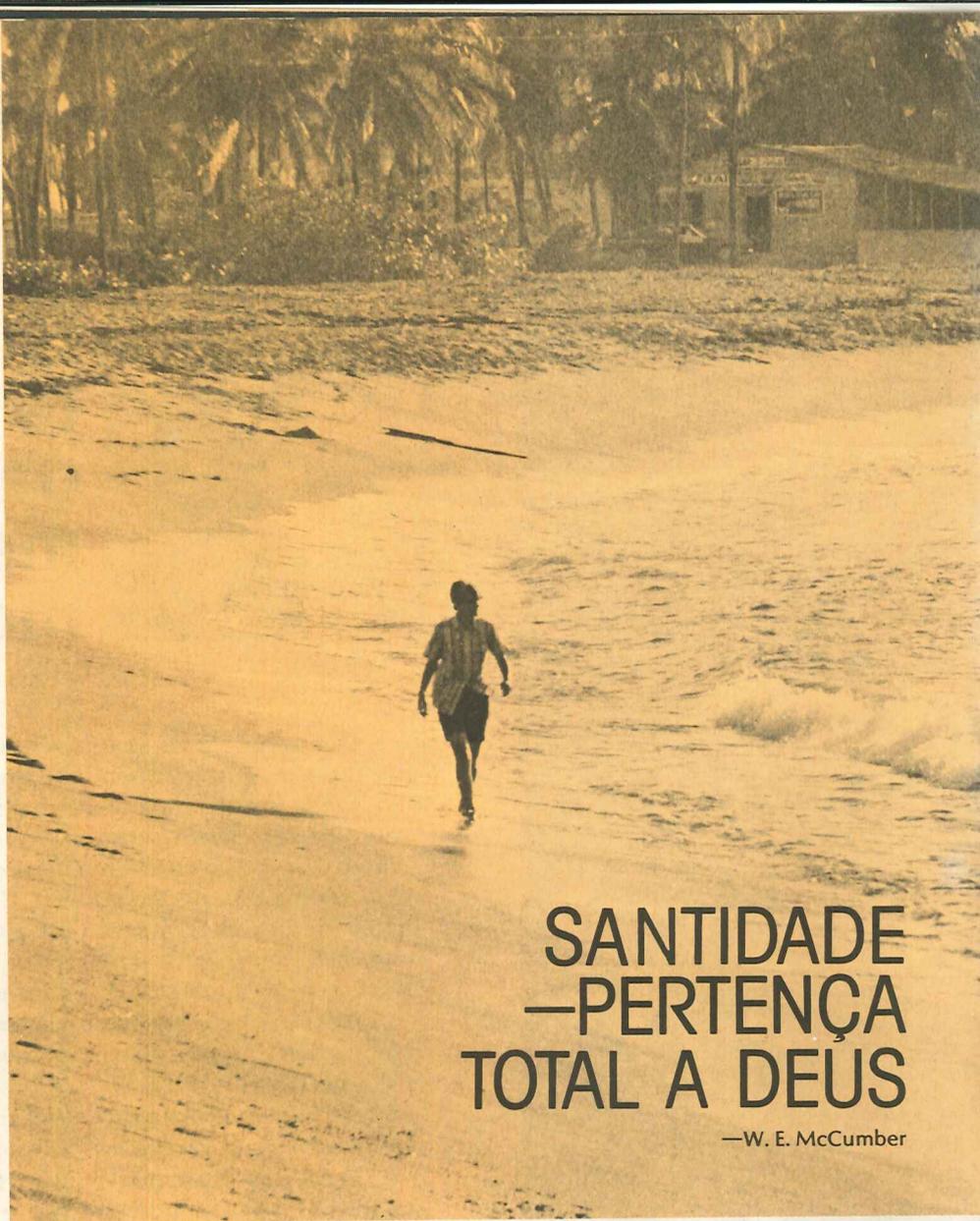
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.0. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



1980-85



SANTIDADE —PERTENÇA TOTAL A DEUS

—W. E. McCumber

Deus é santo e, portanto, tudo que Ele toma para Si torna-se santo. Ser santo, no sentido básico do termo, é pertencer totalmente ao Senhor.

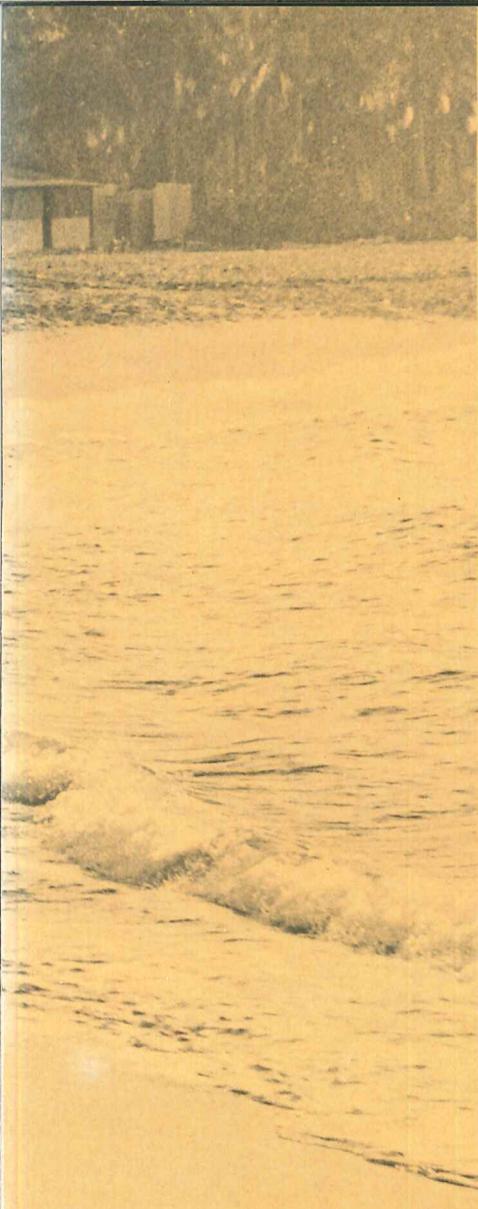
O povo de Deus é chamado a santificar-se a si próprio, a considerar-se santo, ao dedicar a Deus tudo o que é e possui.

Somos criaturas possuidoras de tempo. Ser santo significa que o nosso tempo pertence a Deus. Esta frase não pressupõe que cada momento consciente do nosso tempo deva ocupar-se em assuntos religiosos. Mas que a forma como gastamos o tempo deve estar em conformidade com a vontade de Deus, não com os nossos caprichos ou desejos pessoais.

Também somos criaturas de espaço. Cada um tem de estar em

algum lugar. No entanto, se desejamos ser santos, o local onde vivemos deve ser determinado pela vontade do Senhor. Por minha vontade, eu nunca viveria afastado da costa marítima. Poucos aspectos da natureza produzem em mim um efeito mais inspirador e proveitoso que o oceano. Entretanto, pela vontade de Deus, vivo e trabalho onde raras vezes tenho a oportunidade de admirar um grande rio ou lago. Deus é o Senhor do nosso espaço.

Ser santo significa que o nosso trabalho e dinheiro pertencem ao Senhor. O modo como ganhamos e gastamos o dinheiro deve estar sob o controle de Deus. Você não pode ser mecânico, se Deus quer que seja médico. Nem decidir-se a ser pregador, se Deus



a mordomia da igreja local

—H. T. Reza

Geralmente, falamos de mordomia nos meses de Fevereiro e de Setembro. Ao fazê-lo, referimo-nos quase sempre ao dinheiro, nossa responsabilidade financeira. Recordamos aos membros da igreja a prática do dízimo e das ofertas especiais.

Temos verificado, algumas vezes, que a mordomia não se refere só ao dinheiro. Por isso, acrescentamos talentos, tempo e vida. De tudo somos responsáveis perante Deus. A mordomia abrange a totalidade do ser e do nosso dever.

Hoje, no entanto, afastamo-nos um pouco desse molde para tratar da responsabilidade da igreja local quanto à mordomia. Ao falar de "igreja local" englobo todos os leigos que a compõem, cujos nomes se encontram inscritos no livro do registro da membresia.

É dever da igreja local distribuir com cuidado minucioso os fundos que recebe. Por vezes quem menos dá, é quem maior autoridade quer exercer nas despesas. Também há casos em que aqueles que dão mais se tornam "mandões" quanto a futuros planos da igreja. Um princípio básico que convém recordar: aquilo que damos à igreja faz parte da nossa responsabilidade perante Deus. Não se trata de minha colocação de capitais; nem de ninguém. É dinheiro que se ofertou. A responsabilidade de o repartir pertence à colectividade, a toda a igreja.

Como deve a igreja local distribuir seus fundos? Pode seguir a mesma norma dos indivíduos: (1) usando-os em si próprio; (2) dando-os de má vontade em benefício de outros; e (3) simplesmente esquecendo-se da igreja. Transpondo o assunto para a igreja local, esta pode gastar o dinheiro em projectos locais, dá-lo de má vontade ao próximo (enfermos, necessitados, pessoas que perderam familiares), ou esquecer-se das necessidades distritais e da igreja geral.

Chamamos mordomia à divisão equitativa dos fundos da igreja local. Diz-se com frequência que a igreja que se lembra dos outros está viva e florescente. A que dá para as missões é compassiva; a que ajuda as missões domésticas contribui para a propagação do evangelho; a que paga o orçamento educacional coopera na instrução da juventude. É simples. Contribuindo para o orçamento da igreja local estamos a cumprir a nossa responsabilidade como mordomos.

Se a igreja deseja que seus membros sejam mordomos fiéis do que Deus lhes dá, seja ela boa administradora do que eles lhe oferecem. Juntos, edificaremos a Igreja de Jesus Cristo.

deseja que seja pastor de ovelhas. Ele sabe onde precisa de cada um de nós.

Um indivíduo desenvolve-se através de sua família. Ser santo pressupõe que a nossa família esteja "no altar". Não podemos ser senhores da vida de outros. A santidade significa "amém" à vontade de Deus para os nossos filhos, quaisquer que tenham sido os sonhos e as aspirações neles depositados.

Deus chama-nos para Lhe pertencermos totalmente, dedicando-Lhe o nosso tempo, espaço, trabalho, dinheiro, família—e tudo o mais. Ele corresponde à nossa dedicação com Seu amor infinito e purificador. "Sede santos, porque eu sou santo" (I Pedro 1: 16). □

DEUS, O HOMEM E O DINHEIRO

—C. Neil Strait

Ernest T. Campbell escreveu: "A mordomia não se resume a um domingo ou um programa; é uma atitude perante a vida".

Róswell Lond declarou que "a mordomia é a aceitação diante de Deus da responsabilidade pessoal de tudo o que a vida é e possui". Relaciona-a especialmente com o dinheiro, por este comprar quase tudo que a vida oferece.

Em si, o dinheiro não é mau. Este pensamento deve ser sublinhado. É injusto o que por vezes temos feito: associar o dinheiro com o mal. Rebaixa o dinheiro e exalta o mal. Bem usado, o dinheiro pode converter-se em ferramenta de Deus. Mas também o mal não pode agir sem ajuda financeira.

A Bíblia diz: "O amor do dinheiro é a raiz de toda a espécie de males" (I Timóteo 6:10). Mas também pode ser raiz do bem. Que seria, por exemplo, da obra missionária da igreja sem dinheiro?

O uso das finanças é para o cristão assunto de grande importância. Rober Babson disse algures: "É necessário aprender onde usar o dinheiro, em vez de indagar para onde foi". A mordomia consiste em decidir onde empregar as posses que Deus nos confiou.

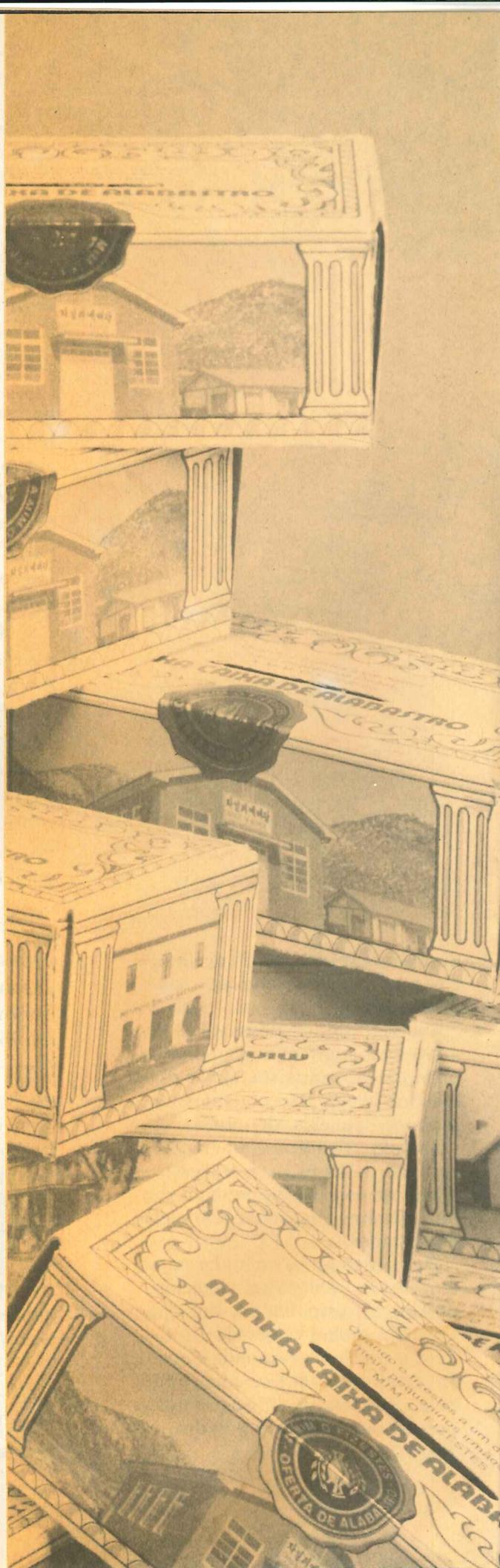
Há duas decisões que se relacionam com o seu uso. Ambas têm suas prioridades. Uma exige que se faça esta pergunta quando se adquire algo: "Que é o mais importante?" A outra refere-se ao dar: "Qual é a maior necessidade?"

É importante atender à aquisição de bens, porque eles testificam e manifestam os valores da vida. Se as coisas materiais prejudicam o equilíbrio financeiro e causam problemas, só a ordem rigorosa de prioridades salvaguardará a bolsa.

Perante tantos clamores de ordem religiosa que em nosso tempo solicitam ajuda, saibamos responder com prudência. Auxílio pedido do púlpito ou em programas de rádio ou televisão devem ser submetidos a análise e estudo. Se reprovados, devem ser excluídos da nossa mordomia.

O uso correcto do dinheiro determinará o seu destino—para bênção ou para desgraça. Num livro, Helmut Thielicke declara: "Tudo que temos procede do Pai—nossas habilidades, talentos e aptidões. Mas, se os usamos sem contar com Deus, como se fossem nossa propriedade absoluta, fracassaremos". Para obtermos a bênção de Deus, pratiquemos a mordomia dando prioridade a outros.

Thomas S. Buie resumiu nestas palavras o conceito da mordomia cristã: "Não é nem mais nem menos que viver à semelhança de Cristo. Se alguém segue as normas de Jesus, saberá praticar a mordomia de seus bens. Usará cuidadosamente os recursos que Deus lhe confiou. Compartilhará com outros suas riquezas materiais". □



ALABASTRO —AMOR SEM FRONTEIRAS

—Lela O. Jackson

O célebre túmulo de Taj Mahal na Índia é o fruto duma bela e comovente expressão de amor.

Shah Jehan, imperador da Índia, enamorou-se e casou com uma princesa persa, chamada Mumtaz Mahal. Seu espírito afável e encantador, seu coração bondoso, cativaram o amor constante de seu marido. Tornaram-se companheiros inseparáveis no palácio e fora dele.

Mumtaz acompanhava frequentemente o marido nas viagens pelas diferentes áreas do país. Numa delas, ao sul da Índia, deu à luz um filho. O parto foi complicado e ela ficou gravemente doente. O imperador sentiu grande pesar; o seu amor por Mumtaz era profundo. Chorando, pegou na mão de sua querida esposa e perguntou-lhe: "Como poderei mostrar ao mundo que te amo verdadeiramente?"

Ela pediu ao imperador que construísse um túmulo de traçado único em sua memória. Mumtaz morreu aos 39 anos de idade deixando o marido inconsolável.

Shah Jehan começou imediatamente a construção dum dos mais belos e sumptuosos túmulos do mundo. Levou 22 anos a concluir e o trabalho de 20 000 operários. Foi construído com mármore branco e paredes adornadas de diamantes, ametistas, turquesas e safiras. Os homens têm construído pirâmides e monumentos na esperança de serem recordados. Mas poucos, se há algum, levantaram à esposa monumento tão grandioso como o imperador da Índia.

Você e eu nunca seremos capazes de erigir algo tão dispendioso e precioso como o Taj Mahal. No entanto, em Fevereiro e em Setembro, os nazarenos à volta do mundo temos a oportunidade maravilhosa de "provar a sinceridade do nosso amor" (II Coríntios 8:8) por Jesus, o nosso Salvador, e pelo próximo. Podemos fazê-lo através das caixas de alabastro. As nossas ofertas de amor ajudarão a levantar igrejas, capelas, residências pastorais, escolas, seminários, hospitais, dispensários, em áreas necessitadas. A nossa oferta possibilita que outros ouçam a maior história de amor jamais conhecida... a de Jesus, o Redentor.

Em II Coríntios, capítulo 8, Paulo louva as igrejas da Macedónia que tinham dado, em circunstâncias difíceis, até ao limite de seus recursos. O Apóstolo declara que elas deram para além de suas possibilidades. Então, o grande missionário exorta os coríntios a fazerem o mesmo, para provarem na prática o seu amor a Cristo, através da generosidade ao próximo.

Que nos diria, hoje, Paulo? Estamos a dar-nos a nós mesmos e as nossas economias de forma sacrificial? Ajudamos a construir edifícios que mostrarão a Cristo e ao mundo que O amamos verdadeiramente e que, por Seu grande amor, procuramos amar os outros?

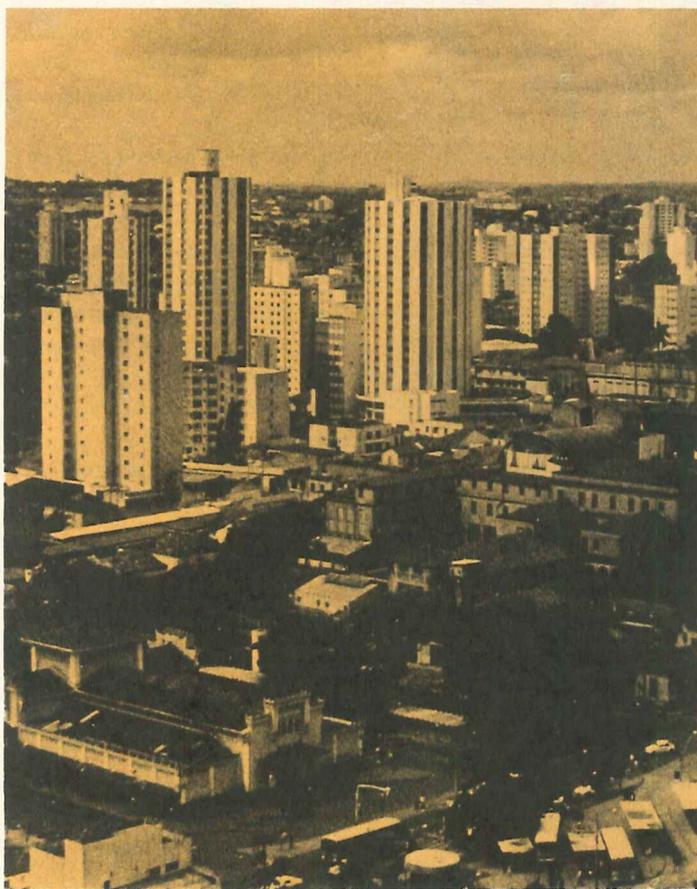
Cristo entregou-Se totalmente... amor sem limites e sem fronteiras! Mostremos-Lhe a sinceridade do nosso amor com a prática da oferta de alabastro. □

O DÍZIMO É PARA HOJE

—Earl C. Wolf

UM
ESTÍMULO
PARA A
LIBERALIDADE

4



O sábio chinês Lao-tze disse: "Uma viagem de mil quilômetros começa com o primeiro passo". O dízimo é o primeiro passo da mordomia. Ele não limita a nossa oferta, mas serve de prancha de lançamento ou estímulo. O dízimo é o mínimo e não o máximo. Existe algo mais na mordomia que a prática de dizimar. "Um dos perigos do dízimo", escreve o Dr. Samuel Young, "é que é comparativamente fácil aceitar a fórmula sem encarar o problema mais profundo da mordomia".

Há perigo no legalismo do dízimo quando alguém pode concluir que dar dez por cento do seu salário re-

presenta o total de sua obrigação para com Deus e que os restantes 90 por cento ficam fora da alçada divina. Semelhante atitude "é uma contradição da afirmação básica cristã do domínio de Cristo sobre todas as coisas da vida". Clarence R. Sands declara: "Até Deus ter não apenas um décimo do seu dinheiro mas, também, o controle do emprego dos outros nove décimos, Ele não o possui a você".

Cristo não defendeu um novo legalismo, mas um novo amor. E, como o amor é ilimitado, também o é a oferta. Jesus disse: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós, uns aos outros vos ameis. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (João 13:34-35). No Velho Testamento, a oferta era à luz da lei de Deus. No Novo, é à luz do amor.

A mordomia começa com a entrega total da vida ao Senhor; com amar a Deus e ao próximo (Lucas 10:27-28). Paulo tocou no fulcro da mordomia quando disse dos cristãos da Macedônia: "A si mesmos se deram, primeiramente ao Senhor" (II Coríntios 8:5). Com tal compromisso, o dízimo nunca seria o máximo, mas o mínimo.

Esta verdade esclarece-se com a experiência de Zaqueu. Quando ele se tornou seguidor de Jesus, não disse: "Daqui em diante darei o dízimo do meu rendimento". Mas declarou: "Senhor, eis que dou aos pobres metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, o restituo quadruplicado" (Lucas 19:8).

O novo interesse pelos outros e a nova liberalidade não foram condições da sua salvação, mas fruto dela. O alcance do amor de Zaqueu ilustra uma característica adicional da mordomia do Novo Testamento.

A GRAÇA DE DEUS

Para Paulo, todas as coisas tinham sua origem na graça divina. Ele venceu a distinção entre a lei e a graça. Para ele, a lei era um "aio" (Gálatas 3:24) que o conduziu a Cristo. Entre os fundamentos desta doutrina situava-se o princípio do dízimo. Mas, agora que Cristo tinha vindo, a medida desta oferta seria o amor de Deus revelado no Calvário. Não era antinominianismo ou negligência da obrigação moral, mas um nível mais elevado de viver e de dar, como resultado da graça divina. A graça nunca é desculpa para o egoísmo ou para alijar responsabilidades.

Ireneu (120-202 D.C.), um dos pais da Igreja Primitiva, estabeleceu por estas palavras o contraste entre dar sob a lei e sob a graça: "Verdadeiramente os judeus praticavam o dízimo de seus bens consagrados a Deus, mas quantos receberam a liberdade (os cristãos) colocam todos os seus haveres ao serviço de Deus, dando com alegria e livremente... pois têm esperança de algo melhor".

Sob a graça, o cristão sempre se esforça por dar mais, nunca menos. Mesmo em circunstâncias limitadas, o seu coração anela ser capaz de ofertar mais. Isaac Watts expressou a atitude do crente do Novo Testamento:

*Que poderei eu ofertar-Te,
Por tanta paz e doce amor?
Se basta aqui ter-Te e amar-Te
E sempre entoar Teu louvor,
Aceita, Jesus, minha vida
A Ti, Senhor, toda rendida,
Que em Ti sou feliz; em Ti sou feliz, feliz!*

NOVAS AVENTURAS EM DAR

Para o cristão, o dízimo é uma cunha que abre a porta de acesso a dádiva mais generosa. Para William Colgate, afamado fabricante de sabão, praticar o dízimo foi a porta aberta para uma aventura em dar cada vez mais. O relato do que aconteceu a este industrial é assim feito pelo Dr. A. J. Gordon:

Há muitos anos um jovem de dezasseis anos deixou a casa paterna para procurar trabalho. Atou num embrulho suas pertencas que transportou à mão. Durante a longa caminhada encontrou um antigo vizinho, capitão dum batelão num canal, cuja conversa mudou por completo a vida do moço:

"William, para onde vais?"

"Não sei", respondeu o jovem. "Meu pai é pobre demais para me manter em casa por mais tempo, e aconselhou-me a tentar nova vida."

"Não há nisso qualquer problema", disse o capitão. "Procura começar bem e tudo correrá lindamente."

William declarou ao amigo que apenas sabia alguma coisa do fabrico de sabão e de velas, em que tinha ajudado seu pai enquanto permanecera em casa.

"Então", concluiu o ancião, "vou orar contigo e dar-te um conselho. Depois poderás seguir."

Ambos ajoelharam no tombadilho ao lado da corda de reboque; o simpático ancião orou por William e em seguida aconselhou: "Alguém em breve estará a liderar o fabrico de sabão em Nova Iorque. Tanto podes ser tu como qualquer outra pessoa. Espero que assim seja. Sê um homem bom; entrega teu coração a Jesus; dá ao Senhor o que Lhe pertence, de cada dólar que ganhares; fabrica sabão com honestidade, com o peso devido; e eu estou certo que chegarás a ser um homem próspero e rico."

Quando o jovem chegou à cidade, teve dificuldade em conseguir trabalho. Só e longe do lar paterno, recordou as palavras de sua mãe e as últimas do capitão do barco. Então "procurou primeiro o reino de Deus e a Sua justiça", assistindo a uma igreja. Recordou a promessa que fizera ao ancião e o primeiro dólar que ganhou fez-lhe lembrar que uma parte era de Deus. Na Bíblia descobriu que os judeus davam ao Senhor a décima parte. Ele disse: "Se Lhe pertence um décimo, eu lho darei". E assim foi procedendo com cada salário que recebia.

Com um emprego regular, em breve tornou-se sócio de alguém. Passados anos este sócio morreu e William ficou como o único dono do negócio. Então resolveu pôr em prática a promessa que fizera ao capitão: fabricou sabão com honestidade e peso devido; ordenou ao seu guarda-livros que abrisse uma conta em nome do Senhor, transferindo para ela um décimo de todos os seus proventos. Ele prosperou; o negócio cresceu; a sua família foi abençoada; o sabão teve saída e ele enriqueceu mais depressa do que tinha pensado.

Então começou a dar dois dízimos ao Senhor e prosperou ainda mais; deu três, quatro, cinco. Educou os filhos, concretizou todos os planos para a vida e, depois disso, passou a entregar ao Senhor o total do seu vencimento.

Em anos mais recentes R. G. LeTourneau confirmou a mesma verdade. Ele era conhecido como o "negociante de Deus". Ofereceu grandes quantias de dinheiro para a propagação do evangelho. Testificou que saíra da falência por dar ao Senhor os primeiros frutos do seu trabalho. Quando o negócio progrediu e seus recursos melhoraram, ele aumentou a sua oferta. Chegou a viver com dez por cento do seu rendimento, enquanto dava 90 por cento para a obra de Deus. No seu escritório tinha este lema: "Não quanto do meu dinheiro posso dar a Deus, mas quanto do dinheiro de Deus guardo para mim". Esta divisa mostra o seu sentido de mordomia.

Há anos um homem de negócios cristão disse-me: "Você sabe, o dízimo não está correcto para mim. Se eu ganho 100 mil dólares num ano e dou o dízimo, ficarei com 90 mil para impostos e uso pessoal. Porém, quem ganhe dez mil por ano e dê o dízimo, fica apenas com nove mil para taxas e sustento familiar. Eu cheguei à conclusão que devo dar mais que o dízimo do meu salário. Tenciono dar 30 por cento para a obra de Deus".

Nem todos podem fazer o que estes têm feito. Aquilo que o mordomo cristão dá além do dízimo é governado pela sua vontade e capacidade. Alguns podem dar mais que outros recebem em salário. Embora o cristão sincero saiba que a sua capacidade em dar por vezes o limita, o seu coração sempre deseja ofertar com a generosidade que Deus lhe tem mostrado. "De graça recebestes, de graça dai" (Mateus 10:8).

Quem Deus abençoa com mais, maior responsabilidade tem pela causa de Cristo. Aqueles que se encontram pessoalmente envolvidos na missão da igreja e oram regularmente por ela, estão mais aptos a assumir suas responsabilidades financeiras do que quem anda mais afastado. Em todas as igrejas há uns que dão pouco ou nada para ajudar os ministérios—que abençoam famílias, edificam a comunidade e enriquecem a cultura. Outros, porém, com capacidade de o fazer, ofertam liberalmente e com alegria, bem mais que o dízimo, para que os ministérios da igreja prossigam.

Num de seus livros, Ronald J. Sider conta do plano modesto de sua família em dar dízimo proporcional, num esforço para afastar o materialismo e resistir à tentação da riqueza. O seu exemplo do dízimo proporcional possibilitou ofertas mais generosas para um mundo faminto.

O plano do dízimo proporcional principiou com o estabelecimento de uma quantia básica que a família de cinco concordou seria suficiente para satisfazer suas necessidades. Desta quantia eram dados dez por cento. Depois, por cada mil adicionais acima da quantia básica, a percentagem aumentava cinco por cento. Quando o salário fosse acrescido de cinco mil, eram dados 35 por cento para auxiliar outros. Semelhante padrão ajudava essa família a disciplinar-se e a ter um estilo de vida mais simples. Capacitava-a, além disso, a aumentar consideravelmente sua oferta a favor dum mundo física e espiritualmente faminto. □

—Eugénio R. Duarte

mordomia

Analisando o comportamento de certa criança, alguém afirmou: “As crianças são naturalmente egoístas”. Mas nelas o “egoísmo” se confunde facilmente com o altruísmo, de acordo com a perspectiva que elas conseguem alcançar quanto ao valor dos seus tesouros.

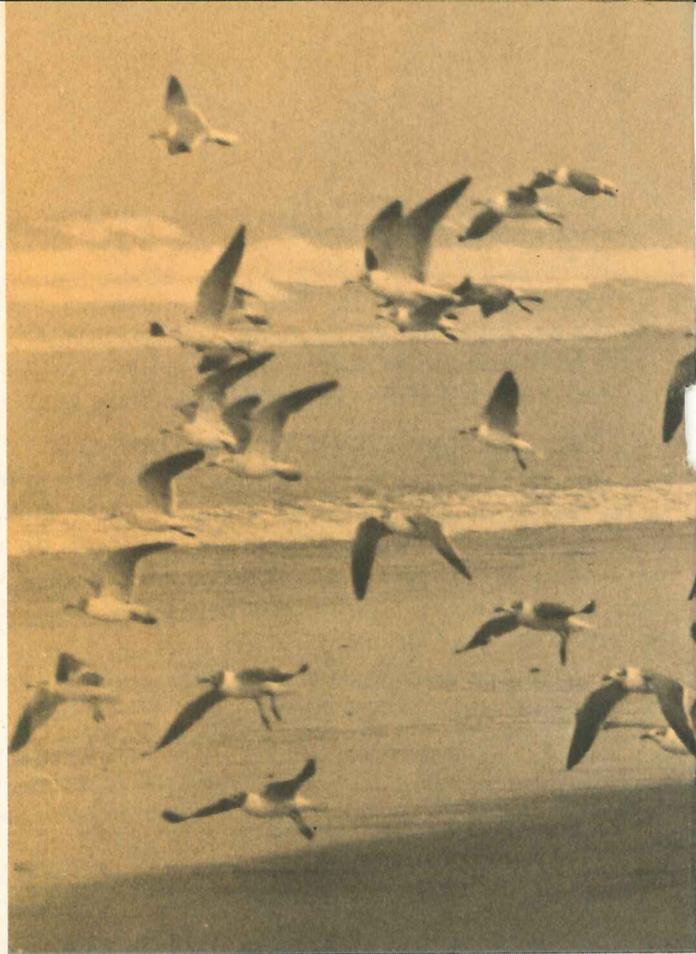
Sobre todos nós a perspectiva de utilidade, muitas vezes inconstante, exerce poder extraordinário. Tão depressa pode levar-nos ao egoísmo extremo como tornar-nos altruístas. Um chefe de família pensava no que devia fazer com uma nota extra de certo valor. E como fosse fácil encontrar lugar para ela no orçamento familiar, pensou em fazê-lo. Quase resolvido, surgiu-lhe a ideia de usar uma parte do dinheiro para “suas necessidades pessoais”. Atrapalhou-se. Reduziu, cortou... e como estivesse perdendo tempo e paciência, decidiu: “Nada para mim e nada para a casa”. Rasgou a nota.

Quanta falta de maturidade na análise das utilidades! Se não podemos ajustar as contas com as exigências que surgem de todos os lados, resolvemos pelo mais prático: dar sobejos ou, então, nada. É desta forma que muitos perdem o privilégio de investir no reino de Deus. Optam pelo “nada” da alternativa, porque Deus não aceita sobejos. Cortam do seu orçamento algumas contribuições sistemáticas para a Obra de Deus quando enfrentam crescentes despesas. Repentinamente os preços sobem e mil coisas acontecem roubando-lhes as vantagens programadas do “extra”. Cortam ainda mais e cada vez pior. Queixam-se e admiram o equilíbrio do irmão que tem menos rendimentos. Realmente não se trata apenas de equilíbrio econômico normal, mas do equilíbrio da mordomia que des-centraliza as atenções.

E se descobrissem que a fidelidade é compensada com a capacidade de administrar o pouco, como se de muito se tratasse? Se compreendessem que a consagração não significa enterra talentos e sim sua entrega para uso divinamente orientado? Se percebessem que a generosidade abre as portas trancadas pelo egoísmo? E se experimentassem o Amor que rompe as fronteiras do dever e penetra o território do impossível?... Achar-se-iam desenvencilhando-se das teias da falsa auto-determinação. Veriam o sol de uma nova perspectiva do futuro e da eternidade desfazendo as nuvens da insegurança; saberiam apreciar sua posição de mordomos.

O crescimento do cristão tem de dispensar as vitaminas do amor centrípeto que obriga tudo a crescer virado para dentro. Lembra-te, irmão, de que só voltados para fora podemos alcançar outros.

E esta é a nossa missão. □



“olhai para as aves”

—Acácio Pereira

As palavras de Jesus mencionadas em Mateus 6: 26—“Olhai para as aves do céu”—têm sido um estímulo para a minha alma. As aves sempre me atraíram. No inverno, vejo-as através da vidraça, saltitando nervosas entre a brancura da neve; no outono, angariando reservas e escolhendo locais abrigados; na primavera e no verão, construindo com habilidade e presteza ninhos de embalar.

Sua plumagem, seu trinado, sua leveza, dulcificam os amargores da vida. Nelas contemplo a magnificência do seu e meu Criador. “No princípio, criou Deus os céus e a terra... Produziam as águas abundantemente répteis de alma vivente; e voem as aves sobre a face da expansão dos céus” (Gênesis 1:1, 20).

Na passagem do Evangelho de Mateus, Jesus Cristo procurou inspirar Seus seguidores a confiarem em Deus. A Sua lição é tão bela e altruísta que nos escapa, por vezes, como irreal ou utópica. O Mestre aconselhou a afastar preocupações desnecessárias e nervosismos maléficos causados pela escassez material.

Conhecedor profundo da estrutura humana, Jesus apontou para a vida despreziosa das aves e dos lírios do campo. “Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” (Mateus 6:26). A me-



Foto por José Pacheco

lhora forma de vencer as ansiedades da vida é confiar totalmente em Deus: "Vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas" (Mateus 6:32).

Se Ele alimenta as aves do céu e veste os lírios do campo com vida fugaz—embora de esplendor superior ao do rei Salmomão—, quanto mais cuidará de nós, seres com capacidade de trabalho e aspirações de eternidade!

Mas a palavra *confiança* não é sinónima de preguiça. Até no deserto, quando o alimento do povo de Israel provinha directamente de Deus, precisava de ser recolhido. O Senhor conta com a nossa actividade. Apuremos a visão e não sejamos como os israelitas que murmuravam contra Deus e queriam voltar às cebolas do Egipto, esquecendo os chicotes que lhes dilaceraram o corpo.

Cristo destrinçou os valores genuínos da vida. O espírito é superior à matéria. Quantas preocupações

terrenas nos têm roubado a alegria de servir ao Senhor!

A confiança em Deus é resultado de consagração total; e esta conduz à mordomia cristã. Se somos de Deus e confiamos nas Suas promessas, quanto temos representa quanto desejamos dar.

João Wesley explicitou: "Nenhuma das coisas temporais é nossa; cada um de nós é apenas mordomo, não proprietário. Deus é o Senhor de tudo; deixa as coisas nas nossas mãos por algum tempo, mas continua a ser o verdadeiro dono".

A mordomia é essencial para a vida de santidade. "Os cristãos que não se comprometem deixam de o ser quando a pressão aumenta. No exército de Deus todos são combatentes" (Samuel Young). Sem completa consagração a Deus, o nosso esforço em ajudar o mundo necessitado será inútil. Como mordomos fiéis e confiantes, fixemos as palavras de Jesus: "Olhai para as aves do céu". □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça HOJE a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

NOVO ENDEREÇO

Nome _____

Endereço _____

um modelo valioso

—Manuel B. Semedo

Sobretudo os jovens gostam de ter um modelo, alguém cujas acções ou qualidades pareçam dignas de exemplo: um futebolista, um actor cinematográfico, um político, um líder.

A personalidade de Moisés oferece um dos modelos a serem imitados nos nossos dias.

O seu *patriotismo*. Ele foi um nacionalista, corajoso para condenar abertamente a exploração que era das mais terríveis na altura. Preocupava-se seriamente com o estado miserável dos seus compatriotas e como eram tratados. Lutava para impedir essa situação. Embora respeitado como príncipe, não esquecia sua origem humilde (Êxodo 2).

Nós também, como cristãos, temos os pés firmados na terra. Não somos reclusos, procuramos exercer boa influência na sociedade a que pertencemos. Cabem-nos direitos e privilégios, também deveres perante Deus, nosso país e concidadãos. Participando na escolha do governo, baseado em equilíbrio e justiça, contribuimos para garantir a paz e a prosperidade.

Outra faceta da personalidade de Moisés era a *prudência*. Ele olhava para uma e outra banda e ainda para trás, antes de agir. Olhar só para os lados não evita as consequências, por exemplo, de um namoro mundano, pois há perigo da aparência do mal que lança suspeitas, mancha a reputação e abre brecha no carácter. Uma amizade com os do mundo pode ser fatal para a espiritualidade.

Contudo, prudente é aquele que olha para cima mesmo antes de olhar para os lados. É puro, ainda que corra o risco de ser criticado. Evita a aparência do mal, embora possa ser apelidado de anti-social. Sua amizade é singela.

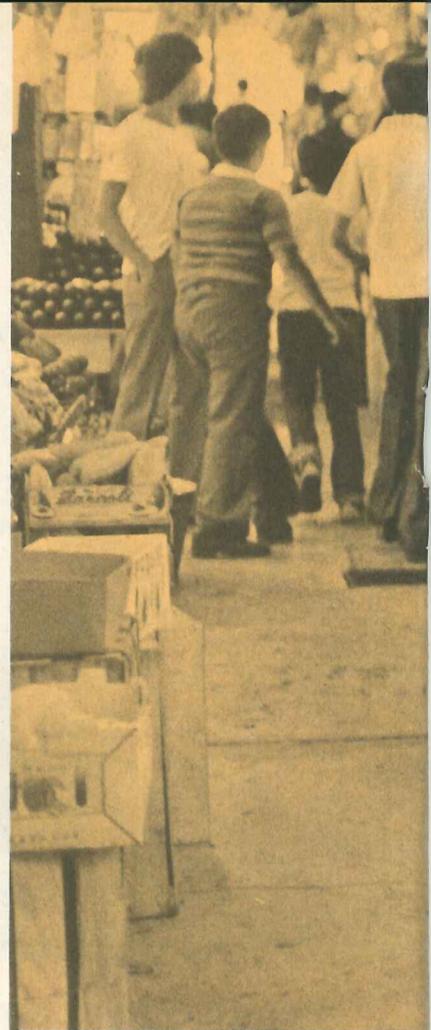
Moisés foi também *reconciliador*. O que nos estranha é que, no mesmo local onde os israelitas sofriam, pleiteavam-se entre si. Em vez de se unirem para resistir a um inimigo mais forte e cruel, disputavam. Igualmente, muitas vezes, em lugar de formarmos um bloco como igreja, disputamos coisas secundárias. "Enquanto os turcos invadem a Europa, há zangas e rivalidades na Igreja."

Aqui se revela a necessidade de um reconciliador. Manter a paz é um trabalho importante, mas difícil. Quantas vezes se sai com um "olho manchado"!

Outra característica de Moisés: era *cavalheiro*. Lemos na Bíblia que ele protegeu no deserto algumas jovens. Elas tinham enchido as pias e estavam prontas para trazer seus rebanhos a beber, quando outros pastores quiseram aproveitar seu trabalho. Moisés opôs-se à insolência.

Hoje há falta de cavalheirismo quanto aos anciãos, às moças, às mulheres chamadas marginais, aos professores e educadores. Contudo, não esqueçamos as recompensas do cavalheirismo.

Seja Moisés um modelo a seguir! □



O
CRISTÃO
E
OS
BENS
MATERIAIS

—Ricardo Chacón



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5° E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.



Foto por José Pacheco

O dinheiro, do latim *denarius*, é sem dúvida útil quando usado em socorrer o próximo, contribuir para a igreja e suprir as necessidades alheias. Então constituirá bênção para quem o possui e segue os preceitos da Palavra de Deus.

1. Dar ao Senhor com fidelidade a décima parte do salário, é mandamento divino: "Trazei todos os dízimos à casa do tesouro" (Malaquias 3:10). O cristão dá não para ser salvo, mas porque já o é. O Cristianismo é uma religião prática.

2. Dar ofertas para a obra do Senhor (I Coríntios 16:1-2; II Coríntios 8:7; 9:7). Vivemos num mundo cada vez mais necessitado material e espiritualmente. Há muitas cidades e aldeias que ainda estão à espera do evangelho; e milhares de pessoas necessitadas do pão da Palavra de Deus.

3. Não ter apego às riquezas. É

melhor juntar tesouros no céu (Mateus 6:19). Somos viandantes, estamos aqui de passagem a caminho do céu. Sejamos mais desprendidos do dinheiro e mais apegados a Deus. Jesus ensinou que devemos deixar tudo por Sua causa. Assegurou que não nos faltaria vestido e comida. Ele não teve, por vezes, "lugar onde reclinar a cabeça". Nasceu e viveu pobre. Sigamos o Seu exemplo e peçamos-Lhe o "pão nosso de cada dia". Busquemos primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, sabendo que as outras coisas nos virão por acréscimo.

O Mestre ensinou como viver para agradar ao Pai celestial. Seus seguidores eram pessoas humildes. As casas que frequentava eram modestas e sem grandes comodidades. Quantas vezes teria de sacudir o pó depois duma longa caminhada! Quantas vezes levantaria de noite para orar! Montou jumentos emprestados

e comeu, muitas vezes, o que Lhe ofereciam. Estava sempre pronto a animar os discípulos: "Tende bom ânimo".

Jesus foi pobre, mas deixou uma senda de riqueza! A história diz que os maiores dadores têm sido os que menos possuem.

Numa de suas cartas, o apóstolo Paulo pediu a Timóteo que lhe levasse a capa que tinha deixado em Troade (II Timóteo 4:13). Devia estar a passar frio na prisão. Entretanto, apesar de todos os sofrimentos, ensinou que nos devemos conformar com o que temos.

O homem é por natureza aventureiro. A própria vida é uma aventura. Não sabemos que nos trará o dia de amanhã, mas deixemos a cada dia a sua lida. Não nos preocupemos demasiado, mas confiemos em Deus. A vida é mais que a comida; e o corpo, que o vestuário. Deus supre todas as coisas com abundância. □

QUE DEVO A DEUS

—Fletcher Spruce

1. *O meu testemunho.* "Digam-no os remidos do Senhor" (Salmo 107:2). Ao ver quanto Deus fez por mim, não posso ficar calado. Nem sequer desculpar-me que sou tímido, pois falo de outras coisas boas. Devo contar aos outros a bondade, a graça e a misericórdia do Senhor. É o mínimo que posso fazer.

2. *A minha assistência à casa do Senhor.*

Procurarei ir à igreja porque é a casa de Deus e eu sou Seu filho. A Bíblia aconselha: "Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros, e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia" (Hebreus 10:25).

Serei pontual e não buscarei desculpas para faltar. O mau tempo ou as ocupações não me afastarão da igreja. Eu amo-a e demonstro o meu amor assistindo com fidelidade.

3. *O meu tempo de serviço para Deus.* A sua comissão pressupõe serviço: "Ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado" (Mateus 28:19-20). Este é um dever dos missionários, mas também meu, hoje, nesta comunidade. Devo a Deus o meu tempo em visitar enfermos, ausentes da igreja, pessoas novas com o fim de testificar e ganhá-las para Cristo.

A obrigação que incumbe ao pastor não deve ser desculpa para me inibir de responsabilidade em fazer a minha parte. Se gasto todo o tempo em coisas pessoais, estarei ao lado de Satanás, pois não reservo nada para Deus.

4. *O meu dinheiro.* Não se trata apenas de praticar o dízimo. Isto é o mínimo que devo dar. Se o não fizer, estou a roubar a Deus. Mas o Senhor também conta com as minhas ofertas para a Escola Dominical, para a Sociedade Missionária, para a Juventude, para cruzadas de evangelização.

Todas juntas poderão equivaler a um segundo dízimo. Também há ofertas especiais a que devo corresponder com generosidade. Se o faço é porque o devo a Deus. Sou responsável perante Ele; e é com alegria que pago a minha dívida! □

Foto de Nazarene Communications



A PALAVRA DE DEUS DIZ . . .

Aqueles que confiam na sua fazenda e se gloriam na multidão das suas riquezas, nenhum deles, de modo algum, pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele (pois a redenção da sua alma é caríssima e seus recursos se esgotariam antes).

Por isso, tão-pouco viverá para sempre, ou deixará de ver a corrupção: porque vê que os sábios morrem, que perecem igualmente o louco e o bruto, e deixam a outros os seus bens.

O seu pensamento interior é que as suas casas serão perpétuas e as suas habitações, de geração em geração: dão às suas terras os seus próprios nomes.

Todavia o homem que está em honra não permanece; antes é como os animais que perecem.

Este caminho deles é a sua loucura; contudo a sua posteridade aprova as suas palavras.

Como ovelhas são enterrados; a morte se alimentará deles, e os rectos terão domínio sobre eles na manhã; e a sua formosura, na sepultura se consumirá, por não ter mais onde more.

Mas Deus remirá a minha alma do poder da sepultura, pois me receberá.

Não temas, quando alguém se enriquece, quando a glória da sua casa se engrandece, porque, quando morrer, nada levará consigo, nem a sua glória o acompanhará. □

—Salmo 49:6-17

religião de emergência

—José Pacheco

Há pouco encontrei um anúncio em certo jornal que me chamou a atenção. Com moldura e letras bem legíveis, dizia: "Confissões de Emergência". Estava incluído o número telefónico para onde se podia ligar em caso de necessidade de ajuda espiritual da confissão.

Há mais de quatro séculos Martinho Lutero ficou triste ao verificar que, em Roma, centro mundial da igreja a que pertencia, se praticava uma religião de "emergência", para "tirar de dificuldades", adormecer a consciência e exaltar alguns.

Desta forma, têm razão aqueles que dizem que "a religião é o ópio dos povos", quando usada por clérigos ou leigos para fins egoístas, puramente pessoais e sem relação com a vida espiritual.

Tal religião foi condenada por Deus desde o princípio. Jesus também a reprovou (Mateus 16: 5-12).

Ao pregar Filipe em Samaria (Actos 8:4-25), muitos se converteram ao evangelho, entre os quais um certo Simão enganador do povo com suas artes mágicas.

O avivamento continuou com a chegada dos apóstolos Pedro e João. Quando oravam e impunham as mãos sobre os crentes, o Espírito Santo descia. Ao ver tais prodígios e sinais, Simão ofereceu dinheiro para que lhe dessem esse poder sobrenatural. Queria praticar uma religião de "emergência" para os seus propósitos egoístas de fama e de posição que tinha mantido durante anos.

A resposta dos apóstolos foi eloquente: "O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois

cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro" (Actos 8:20). Felizmente, Simão deu provas de arrependimento.

Nos nossos dias é praticada esta espécie de religião quando:

—só se acode à igreja, ao pastor ou a Deus em casos especiais de sofrimento, necessidade ou doença;

—se aproveita a influência de boa colocação na igreja para fins egoístas de negócios ou relações pessoais;

—se crê que pela posição económica e financeira se pode "governar" a igreja, ameaçando recusar-lhe ajuda no caso de não se satisfazerem caprichos pessoais;

—não há entrega total a Deus e se permite que a carnalidade e a raiz da amargura se manifestem com todos os seus frutos (Gálatas 5:18-21).

A quem pratica esta espécie de religião, diriam os apóstolos: "A tua religião seja contigo para perdição"!

A verdadeira religião é a de I Coríntios 13—a do amor cristão; a de Romanos 8—de vitória espiritual sobre o pecado; a da fé e da prática do apóstolo Tiago: "Rejeitando toda a imundícia e superfluidade de malícia, recebi com mansidão a palavra em vós enxertada... E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes... A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações e guardar-se da corrupção do mundo" (1:21-27). □





“Porque d’Ele e por Ele e para Ele são todas as coisas . . .”

Romanos 11:36